

ALMA PAMPA

Apparício Silva Rillo

Os ossos

Como signos de cal.
 A ferrugem
 Nos ferros enterrados.
 Alicerces de pedra-moura
 Naufragados
 Sustentam século e meio de madeiras
 Roídas pelos ratos da intempérie.
 A memória do vento
 Guarda o berro do boi
 E o relincho de guizos dos potrilhos.
 Por debaixo do pasto
 A cicatriz das cambotas das carretas
 -as que gemeram cargas nos repechos
 e atropelaram bois- do- coice nos lançantes.
 No palanque de pau-ferro
 -dentre tudo o que tombou o que resiste-
 a página do corno
 e nela a caligrafia da marca- de- ferro dos senhores
 -desses de que resta a identidade
 nos papéis imperiais e batistérios.

Aqui foi a estância...

Exatamente aqui,
 Nesta fralda de cerro
 Que se derrama até o risco do horizonte
 A sublinhar-se no céu que beija a terra.

Os aramados,
 As taipas arrozeiras
 Aprendem geometria nestes rasos
 Onde cavalos de guerra e seus ginetes
 Mediram arrobas de audácia nos combates
 Que a história resguardou em seus retratos.

Quando a terra de ninguém se tornou pátria
 O braço miliciano ergueu a estância
 Trocando a espada pelas boleadoras.
 Ninho e fortim
 A um passo da fronteira
 -de um lado o português,
 do outro o castelhano-,
 era um pássaro de pedra, vigilante,
 com um topete bagual vinchado a cores
 de brasões imperiais e de bandeiras!

Foi a pega do boi,
 Foi a doma do potro,
 A rendição dos xucros e alçados
 Aos instintos dos bugres e mesticos,
 -esses os donos legítimos da terra
 que o Império repassou,
 em papéis brasonados,
 a áulicos,
 guerreiros,
 comandantes...

Era o campeiro a se formar no tempo
 Moldando aos poucos a futura estampa
 Do que seria, mais tarde o construtor
 Da economia pastoril do pampa.

Fomosvê-lo, depois ao sul do continente,
 Já misto de gaudério e de soldado
 -trabuco a mão e cabeleira ao vento,
 como um duende a cavalo na Campanha
 a rechaçar as ambições de Espanha
 nos muros da lendária Sacramento!

Peleou em Santa Tereza,
 Na Vila do Rio Grande e São Miguel.
 D. Juan Salcedo conheceu-lhes as manhas
 Quando o grande capitão Pinto Bandeira
 Passou como um tufão por estes nortes
 Retornando os bastiões de Portugal.

Conquista das Missões, anos depois.
 Aventureiro e soldado, acompanhou
 Pedroso e Borges do Canto nesta gesta
 Que foi um bronze sonando de bravuras.
 Não mais que quarenta valentes galopando
 -os que deram a Portugal o comarcado
 que tem o rio Uruguai na extremadura!

Da simbiose do gaudério e do soldado
 -acabada expressão do trabalho e da guerra-
 um novo tipo social então surgiu
 quando o Século Dezenove amanhecia
 nos horizontes de uma nova terra.

E os anos foram passando...
 Gente morria e nascia.
 Só a estância continuava
 Nas léguas de sesmaria.

Campanha da Cisplatina,
 O Decênio dos farrapos.
 A Guerra do Paraguai
 Levando as tauras dos ranchos,
 Deixando as mulheres sós.
 Um dia, Noventa e Três
 Lançando irmão contra irmão
 E a degola a fio de faca
 Plantando rubros no chão.

Os chefes, quando voltavam
 Do fumo destas batalhas,
 No largo peito ostentavam
 Medalhas de prata e ouro,
 Enquanto os peões mostravam
 -a láurea dos infelizes!
 o rasgão das cicatrizes
 cunhadas no próprio couro.

A ampulheta do tempo e sua areia
A escorrer como um rio as suas águas...

E, de repente,
A mudança inexorável!

O campo se transforma,
O trabalho se transforma,
O patrão se transforma,
As mulheres e homens se transformam.

É o alambrado que chega.
É o potreiro que chega.
É a mangueira que chega.
É a estrada que chega.
É o trem-de-ferro que chega.
É o moinho- de –ferro que chega,
E se põe a girar,
A girar
E a girar,

Como a vida girou
E em seu giro passou
O peão a “pião”:
um brinquedo a rodar
Na poeira do chão,
À sombra de sua sombra
Sob a sombra do patrão.

Os de hoje,
Viemos desses ossos e destroços,
Dessas misérias e altaneiras,

Desses rasgões no couro e desses ouros!
Viemos do relincho dos potrilhos,
Do laço a tironear aspas de touro!

Os de agora,
Viemos do churrasco e da caúna
Verdeando mates pelas madrugadas!
Das arreadas de alçados, dos rodeios,
Do seio de uma gaita e seus gorjeios,
Do relâmpago de adagas nas peleias,
Dos cemitérios de campo e das taperas.

Temos os traços ancestrais dessas figuras
Aprisionadas no recuerdo dos retratos
Que sustentam paredes nas molduras.

As carretas do tempo sofrem eixos
A sustentarem cargas de naufrágios
De que somos herdeiros e salvados.

Os do presente,
Os de hoje,
Os de agora,
Somos ponteiros dessa trajetória,
Fimbrias gizadas a contar do centro
No corno de pau-ferro dessa estampa.

Por isso a vertical de nosso orgulho
Que se levanta, gaúcha e pêlo-duro,
Da alma pampa que nos há por dentro!